

A ironia estrutural em *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós e *A gloriosa família – o tempo dos flamengos*, de Pepetela

Ana Lúcia Gomes da Silva Rabecchi¹

Resumo:

A ironia estrutural em A ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queirós e A gloriosa família – o tempo dos flamengos, de Pepetela será o suporte da comparação neste trabalho, já sugerida no título dos respectivos romances. Há, nos dois romances, uma revisitação do passado histórico com intuito de reproduzir o passado no presente, simbolicamente referenciado nos protagonistas principais cujos destinos se confundem com o do país como um todo.

Palavras-chave: Literatura comparada, A ilustre Casa de Ramires, Eça de Queirós, A gloriosa família, Pepetela.

Introdução

A nossa leitura comparativa entre *A ilustre Casa de Ramires* (1900), de Eça de Queirós e *A gloriosa família – o tempo dos flamengos* (1997), de Pepetela terá como suporte a ironia que estrutura os dois textos entre personagens e suas ações que parecem animar as seqüências sucessivas da trama.

No romance de Eça, o enredo se desenvolve em equilíbrio entre o romance e a novela histórica encaixada que a personagem Gonçalo Mendes Ramires escreve. Essa estrutura narrativa é reforçada por uma ironia geradora de contrastes entre a ação presente da personagem e a novela histórica que ela escreve. Em ambas as histórias, as tropéias heróicas são rebaixadas de tal modo que a estratégia de grandeza sai sempre diminuída por traços de comportamento pouco louvável.

Em Pepetela, a ironia é o fio condutor do romance. A história dos sete anos de invasão holandesa em Luanda, contada através da crônica da família Van Dum, ilumina a dessacralização do comportamento “glorioso” não só da família Van Dum como de todas as personagens que compõem esse fato histórico.

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – USP.

I-

N'A *Ilustre Casa de Ramires*, a casa surge como imagem de um espaço onde coexistem épocas diferentes e contrastantes tanto material como moralmente. Ela é ilustre pela importância da família, seu brasão, o açor negro – símbolo de guerra -, insígnia presentes em alguns escudos de famílias fidalgas portuguesas e que são recorrentes no romance como sinal de um passado glorioso. Espaço simbólico como representação da família, do grupo social que encerra a construção da nação – conceito cuja importância para o século XIX importa, no contexto, ter em conta. Assim, a casa representa a ilustre família aristocrática Ramires e também Portugal, onde se discutem os problemas que agitam a sociedade e a nação nos finais do século XIX. No romance é matriz social para além dos microcosmos pessoais e familiares, onde se concentra contradições e destinos vários.

Na trilha dessas idéias, o espaço da casa surge como deslocamento espacial da casa (família) para o país, num jogo metonímico em que os Ramires e Portugal se representam. O caráter simbólico dessa situação histórica pode ser referenciado no protagonista que lhe confere uma abrangência que marca seu destino pessoal, confundindo-se com o destino do país como um todo. Com efeito, Gonçalo Mendes Ramires é a antítese degradada de seus ancestrais heróicos e viris; e Portugal, o reverso melancólico de seu passado glorioso e tão decantado. Para Candido (2000:19), o curso alternado das duas linhas narrativas no romance de Eça ilumina a “dessacralização do comportamento e às vezes faz uma parecer eco da outra”, pois se completam como os fios de uma tapeçaria compondo o mesmo desejo por meio de cores intercladas.

No romance, o sonho de Gonçalo é sair do anonimato e daquele “buraco rural”. Para isso, vê como única saída ingressar na política. A fim de fortificar o seu projeto político, Gonçalo, incentivado por um amigo editor, se vê compelido a escrever uma novela, exaltando as suas nobres raízes. Isto lhe trará notoriedade e facilidade para se aproximar do mundo político. Para isso, a personagem se vale do expediente de historiar um poemeto épico de seu tio Duarte, em que exalta as façanhas heróicas da família nos idos da Idade Média. Todavia, fica evidente que a intenção de Gonçalo não é desenvolver dotes literários, mas fazer da literatura a brecha para trespassar o muro que o separa da fortuna, da política, do reconhecimento. É um projeto que acompanhará a personagem ao longo da narrativa, para sobressair na política, ganhar dinheiro e desfrutá-lo nos grandes centros. O resultado é que a história de sua vida se reduz em face da recriação literária, pois a História mostra os Ramires leais a nobres causas. Seu projeto interesseiro sai, então, desfavorecido pela mesquinhez, portanto, vai longe a distância entre “praticar o feito e contá-lo”.

Orgulhoso pela estirpe de quatro costados, mas cujos cofres estão vazios, ele amarga uma vida desbotada, ancorada apenas no saudosismo de um passado ilustre, ou seja, de uma ilustre Casa. Esta personalidade, descrita como se a todo custo tentasse ser forte e nobre como seus ancestrais, convive com a fragilidade de um homem comum, “ora generoso, ora vil, ora exagerado até à mentira, ora religioso por conveniência, mas, sobretudo, esperançoso de algum milagre” (AICR, 2000:455).

O traço mais marcante da personalidade de Gonçalo é a contradição: superior pela origem e qualidades, mas inferior pela ruína econômica e o anonimato. Tem um caráter moral que o dignifica, mas para sobreviver é obrigado a se tornar amoral e fazer vista grossa à sociedade corrupta. Vive uma vida obscura e insignificante em uma pequena província, porém sonha com os salões e a vida agitada de uma grande cidade.

Chama a atenção, no romance, o emprego da palavra “ilustre” no título, que vem deslocado da sua significação, uma vez que o substantivo “Casa”, apostrofo ao adjetivo, inicia-se com maiúscula e, portanto, denuncia imediatamente ao leitor o seu significado. O significado casa (prédio) desloca-se para Casa (família) que a habita há séculos “Ainda não havia reis de Portugal, nem sequer Portugal, e já meus avós Ramires tinham solar em Treixeiro!” (AICR, 2000:437), o que justifica o uso de “ilustre” pela antiguidade e raízes. No entanto, devido a contínua degenerescência da família, o qualificativo tomou um sentido antitético.

A ironia d’*A ilustre Casa de Ramires* começa pelo próprio título. No decorrer do romance, a antítese estrutural da forma torna-se notória ao mostrar a cada ato heróico do antepassado um ato de fragilidade do presente. É o que Antonio Candido (2000:18) denomina de “ironia estrutural geradora de contrastes”.

Pensando na ironia estrutural do romance já preconizado no seu título, dir-se-ia que a evolução de Gonçalo se dá segundo um movimento inverso ao da história dos Ramires. Com efeito, até o século XVI estes agiram com grande dignidade, venciam com “grandes lanças”, a partir de então “como a nação degenera a nobre raça”. Já nos tempos de Gonçalo vencem com a “pena e o trabalho”, daí escrever a sua novela histórica dos seus ancestrais tentando escavar as raízes ilustres da família.

É pelo mascaramento das contradições que se tornam possíveis, na prática, os acordos generosos por interesse eleitoral, o plágio de um poema laudatório para escrever uma novela dita histórica, a saída do buraco rural através da política e, finalmente, o enriquecimento na África.

Com efeito, sob a aparência da ironia, o suposto revigoramento de Gonçalo não passa de mera aparência e garante à obra, como diz João Roberto Maia da Cruz, “coesão e coerência estrutural,

com lucro para o viés crítico do romance, e sérias dificuldades para o conservadorismo do último Eça” (2000:153).

A grande ironia deste romance está justamente em sugerir a semelhança entre Gonçalo - representante da aristocracia portuguesa decadente do século XIX - e Portugal, ambos vivendo à sombra das glórias do passado. Sob a inspiração desta convergência de cunho ideológico, tal identificação confere à narrativa um tom artificioso e irônico, já que os atos de bravura e regeneração da personagem sempre caem em contradição. Se a saída para a África o torna um homem vigoroso e trabalhador, não é o que confirma sua aparência, descrita na carta da prima Maria Mendonça, contando a chegada de Gonçalo da África “Não imaginas como vem... ótimo! Até mais bonito, e sobretudo mais homem. A África nem de leve lhe tostou a pele. Sempre a mesma brancura. E duma elegância, dum apuro!” (AICR,p.418), como a confirmar que continua o mesmo. E o Bento (seu criado) “É um modelo vestido em Londres, de grande casaco de viagem de pano claro, luvas amareladas, gravidade imensa” (AICR, p.420).

A identidade entre a nobreza decadente e Portugal se evidencia também nas palavras de João Gouveia que faz um balanço entre as qualidades e os defeitos de Gonçalo Ramires, cuja linhagem o eleva à condição de representante maior da aristocracia e conclui que se assemelha em “Assim todo completo, com o bem, com o mal... a Portugal” (AICR, p.427). Efetivamente esta conjunção nação/nobre-raça está vinculada aqui à idéia de decadência, daí a linhagem Ramires – que é metonímia da aristocracia tradicional portuguesa -, configurar-se como portadora de atributos identitários que são os mesmos de Portugal no final do século XIX.

II-

N’A *gloriosa família – o tempo dos flamengos* (1997), de Pepetela, o enredo gira em volta da família Van Dum, que pode ser retratada como o microcosmo da sociedade angolana e, nesse compasso, o romance em seus recursos estruturais, projeta o que ela tem de mestiçagem, de assimetria de classe e poder.

Pepetela vai buscar nas fontes históricas da *História Geral das Guerras Angolanas*, escrita em 1680, pelo cronista português António de Oliveira Cadornega, o motivo para desenvolver o enredo do romance. É em Cadornega que encontra referência a Baltazar Van Dum, em quem se inspira para escrever esta obra, como uma crônica de família entremeada por acontecimentos históricos. Paralela

à crônica dos Van Dum ocorrem os conflitos flamengo-português pelo domínio do tráfico de escravos e toda teia de influência e corrupção que percorrem a geografia luandense.

A família Van Dum marca o começo do patriarcado português em Angola e o conseqüente processo de dominação físico-cultural pelo Ocidente. Pela sua característica de formação e projeção num futuro glorioso, já previsto pela Matilde Van Dum (filha de Baltazar), é a metonímia de Angola, com sua sociedade mestiça e assimétrica. A narrativa realça todas as tramas que a família faz para permanecer no poder e toda esperteza do pai é passada aos filhos como ensinamento na hora da grande mesa de refeição, ou nas conversas ao pé de ouvido com os filhos machos. Assim, o costuma português se evidencia no caráter dos filhos, na religião, na arquitetura, na alimentação, na plantação, no trato com os escravos.

Pelas entrelinhas do texto e pela evidência com que o sobrenome Van Dum vem se repetindo na vida real (Van Dúnem) ao ocupar os mais altos cargos políticos em Angola até os nossos dias, é que parece vir a narrativa de Pepetela permeada por um espírito crítico que vai para além das profecias de Matilde. Pepetela desvenda na formação da história angolana, problemas sociais intrincados advindos de um processo histórico de colonização.

A *gloriosa família* pode ser considerada uma *narrativa de fundação* que encena lugares e tempos de cosmogonia ancestral: o primeiro Van Dum, pai da “gloriosa família”, antroponímia sociopolítica se não do país, pelo menos de seu microcosmo, Luanda. Obra de dimensão messiânica se a fizermos significar para além da sua textualidade, designadamente como representação país. Na obra, o jogo temporal se verifica como uma crítica à história atual de Angola que reproduz as corrupções engendradas no passado. Através das duplas projeções, do narrador escravo e da personagem Matilde, que prevêem a história lançada para o futuro, numa ironia já embutida no título do romance, as pontas da história do passado e do futuro se entrelaçam.

A glória da família está em perpetuar a posição vantajosa dos Van Dum até os nossos dias. Recuando no passado, o romance busca reescrever através da crônica da família Van Dum a história angolana fraturada pelo colonialismo. Ao profetizar a permanência da família no futuro, que é o presente de hoje, a narrativa está denunciando o peso do capital das novas “Companhias Ocidentais” e novos Van Duns alimentando a corrupção no poder político e econômico que repercute ainda hoje em Angola.

Conclusão

Como se vê nos dois romances, o título – epítome de uma significação - merece aqui uma reflexão: já sugere como diz Antonio Candido, uma “ironia geradora de contrastes”. No romance *A ilustre Casa de Ramires*, a Casa representada por Gonçalo Ramires retrata a situação da nobreza decadente do oitocentismo, na medida em que a personagem através de sua novela mostra o contraste entre a sua força e a força secular de sua estirpe. Pertencem os Ramires a uma ilustre geração, de que a casa em ruína e a personagem tentando manter as aparências podem contribuir para sugerir as dificuldades que vem passando Portugal no final do século XIX. No remate do romance, Gonçalo tenta tomar as rédeas de seu destino, num ato de bravura, arrependimento e brio, se vê em concordância com aquele resto de honra de Santa Irenéia. É possível pensar com Candido que, do ponto de vista ideológico, o romance parece querer realçar algo “daquele espírito de revigoração da consciência nacional que animou tantos intelectuais portugueses no fim do século XIX” (2000:21). Porém, pelo balanço final, esse “revigoração” reduz-se a “Sempre o mesmo Gonçalo!...” (AICR, p.420).

No romance *A gloriosa família* – os Van Duns constituídos de uma mistura de europeus e africanos, credo, etnia e cultura sobrevivem mediante negócios escusos e se mantêm no poder para além do “tempo dos flamengos”, como previra Matilde. É possível tomar a família como paradigma da formação angolana, feita de um mosaico de diferenças e interesses que se mantêm até os nossos dias.

Que significado terá na economia das obras a ironia que estrutura a “ilustre Casa” e a “gloriosa família”? Reforçando o viés que seguiu esta comparação, com efeito, as intenções dos romancistas ao usarem os adjetivos “ilustre” e “gloriosa” não foram inocentes. Eça de Queirós questiona o momento conturbado por que passa Portugal no final do século XIX e Pepetela, puxando o fio da História, avalia o pós-independência, no final do século XX. O primeiro, com seu ímpeto intervencionista, que fez de sua obra uma reflexão sobre a identidade nacional como um de seus principais compromissos ético, intelectual e artístico, parece ter questionado com a linhagem ramírica os momentos de força e decadência nacionais como forma de apontar os males do passado, que têm incidência no presente da escrita, para talvez evitá-los no futuro; o segundo, que tem como linha de força de sua obra a formação da identidade da nação angolana, talvez tenha encontrado na família Van Dum, como metonímia de Angola, a forma de explicar o passado no presente e poder sonhar o futuro possível, como a utopia possível para um País que se reestrutura no pós-independência.

Referências Bibliográficas

- [1] BERRINI, Beatriz. (org.). *Eça de Queiroz – A ilustre Casa de Ramires – Cem anos*. São Paulo: EDUC, 2000.
- [2] CANDIDO, Antonio. “Ironia e Latência”. In *A ilustre casa de Ramires – Cem anos* (org.) Beatriz Berrini, São Paulo: EDUC, 2000.
- [3] CRUZ, João Roberto Maia da. “A visita ao velho sótão dos avós: uma revitalização do presente pelo exemplo do passado?”. In *A ilustre Casa de Ramires – Cem anos* (org.) Beatriz Berrini, São Paulo: EDUC, 2000.
- [4] CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (orgs.). *Portanto ...Pepetela*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002.
- [5] PEPETELA. *A gloriosa família – o tempo dos flamengos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- [6] QUEIRÓS, Eça. *A ilustre Casa de Ramires*. Cotia - São Paulo: Ateliê Editorial Ltda., 2000.